

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A PRÁTICA EDUCATIVA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

GISLAINE DOS SANTOS SALES



PONTES E LACERDA, JUNHO DE 2003

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A PRÁTICA EDUCATIVA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda, como requisito final para a obtenção do
grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª Ms. Teresa de Pazos da Silva

Pontes e Lacerda, junho de 2003

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha mãe LÊDA, que com sua serenidade, sempre soube, mesmo nas horas de angústia e sofrimento, encontrar palavras de compreensão e de conforto.

Ao meu marido ELIANDERSON e minha filha ELLEN, os quais por diversas vezes viram-se privados de minha presença e atenção, e mesmo sofrendo com minha ausência, sempre estiveram ao meu lado, dando-me forças e motivos para continuar nesta longa e árdua caminhada.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, compreendendo minhas angústias e apoiando-me nesta longa caminhada.

Ao Elianderson, meu querido e amado esposo, que soube com tanto carinho e paciência, compreender minhas ausências e impaciências dando-me ânimo quando mais precisava.

À minha filha Ellen, que desde seus primeiros dias de vida, sofreu a angústia de minha ausência na espera do seio que a acalentava.

Aos meus amigos, em especial aos colegas de viagem, que sempre me ajudaram e apoiaram e mesmo muitas vezes exaustos pela caminhada, sempre encontravam ânimo para proporcionar-me momentos de alegria.

Aos professores, que com tanta dedicação e carinho souberam me incentivar e fazer com que a cada dia construísse meu conhecimento.

Aos colegas de sala, em especial às amigas Soraia e Guiomar, com as quais sofri e lutei, e ao final de cada trabalho, sempre acabávamos alcançando bons resultados.

À professora Teresa, que com carinho, dedicação pessoal, paciência e principalmente boa vontade, orientou-me neste ensaio monográfico, dirimindo minhas dúvidas e aclarando minhas idéias.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha vitória, o meu muito obrigada.

“(...) não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”.

Freire

SUMÁRIO

Apresentação.....	08
Capítulo I – O conhecimento.....	11
Capítulo II – Relação Professor – Aluno – Conhecimento.....	18
Considerações finais.....	25
Bibliografia.....	27

APRESENTAÇÃO

Este ensaio monográfico tem como propósito analisar a postura do professor diante das diferentes formas de conhecer dos alunos, fruto das diferenças culturais existentes dentro de um mesmo grupo-classe.

Optamos por discutir esta temática no presente trabalho, impulsionados por uma inquietação que nos acompanha e que aflorou dia-a-dia, por sabermos que a escola por várias décadas vem transformando diferenças culturais em desigualdades, ou seja, porque nem todos os alunos recebem a mesma parcela de considerações de atenção, de confiança e de apoio, quer por parte da escola, quer por parte do professor.

Acreditamos que isso aconteça devido à limitação de tempo e de recursos que o professor encontra no decorrer do ano ao desenvolver seu trabalho, ou porque existem professores que por se julgarem as únicas fontes de saber, não criam oportunidades que possibilitem aos alunos estarem construindo seu conhecimento.

A limitação de tempo a qual nos referimos, diz respeito ao plano de aula que professor deve fazer, e que tem um prazo determinado pelo calendário escolar da instituição na qual trabalha. Em seu plano ele deve ter previsto as ações que terá dentro de sala de aula e fora dela, para não ultrapassar o prazo do calendário.

Em sala o professor tem o compromisso de explicar os conteúdos e avaliá-los, através de provas ou qualquer tipo de atividade avaliativa, e fora dela ainda deve corrigir as provas ou trabalhos e passar as notas para diário, para que então possa entregar as notas à secretaria. Mas não devemos nos esquecer que essas não são as únicas ações que o professor terá em seu cotidiano. Além de preparar

atividades para todos, ele terá que dividir seu tempo entre um número muito grande e heterogêneo de alunos, ao mesmo tempo em que deve ocupar-se da animação do grupo e manutenção da ordem.

Em face da complexidade do contexto com o qual o professor lida, muitas informações fogem do seu alcance o que faz com que suas intervenções sejam muito dispersas ou fragmentadas impedindo que haja eficácia em suas ações.

A questão da limitação de recursos, diz respeito à falta de materiais didáticos e tecnológicos, como: livros, computadores, episcópios, entre outros. Pois muitos professores acreditam que só é possível ser criativo e incentivador, se tiver de posse desses recursos materiais, o que faz com que muitos cruzem os braços diante da ausência desses.

Já a questão da existência de professores que se julgam as únicas fontes de saber, não tem eficácia em suas ações, porque ao não acreditarem que os alunos sejam capazes, eles não criam situações nas quais os alunos possam estar colocando suas opiniões, realizando ações concretas de intervenção no mundo e assim, construindo seu conhecimento,

Por acreditarmos como FREIRE, que mudar é difícil, mas possível e que o professor não é a única fonte de conhecimento, mas sim uma delas, é que estaremos aqui refletindo e discorrendo sobre práticas educativas de alguns professores e os modos como estes lidam em sala de aula com as questões do conhecimento, que a nosso ver deve ser ensinado com criticidade, de acordo com a realidade do aluno, lutando sempre para haver interação nas relações uns com os outros e o professor.

Descrevemos aqui algumas concepções teóricas a respeito de práticas educativas e falaremos também do conhecimento em suas diferentes concepções e como o professor lida com elas.

Nos embasaremos em teóricos da educação tais como Philippe Perrenoud, Paulo Freire e Ana Canen que darão sustentação a nossa discussão e análise.

As aulas aqui descritas e que nos darão suporte para discussão, são de salas de 5ª e 7ª séries do ensino fundamental de uma escola pública do município de Nova Lacerda – MT. Estas salas são de turmas bastante numerosas e heterogêneas. As duas professoras das salas, que estaremos citando em nossa análise são graduadas em Licenciatura Plena em Letras.

CAPÍTULO I

O CONHECIMENTO

Quando nos propusemos a desenvolver este trabalho, tínhamos uma inquietação que nos acompanha e que aflorou ao longo de nosso curso de Letras. Inquietação em saber como o professor lidava com a questão do conhecimento. Se ele acreditava que o conhecimento era uma coisa acabada, que devia apenas ser transferida ou se ele criava possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Outra inquietação era para saber se o que o professor trabalhava tinha ligação com a realidade do aluno.

Entendemos que o melhor espaço para responder a estas questões é a sala de aula. Assim, para desenvolver este trabalho assistimos aulas de Produção de Textos, em salas de 5ª e 7ª séries do ensino fundamental de uma escola pública no município de Nova Lacerda – MT.

Entendemos que a relação que o ser humano estabelece com o conhecimento está ligada a questões culturais e de classe e que oriundas de problemas de natureza sócio-econômica. Sabemos que pessoas com baixo poder aquisitivo têm pouco ou nenhum acesso ao conhecimento sistematizado, enquanto que em pessoas de condições sócio-econômicas favoráveis, esse acesso é muito maior.

Ao considerarmos que a escola acolhe pessoas com tais diferenças, cumpre questionar como o professor trabalha de modo a proporcionar a todos a aprendizagem e a construção do conhecimento.

Nossa inquietação reside no fato de que a sociedade brasileira é multicultural, ou seja, há uma diversidade muito grande de etnias e culturas de diferentes grupos sociais que a compõem. Temos também que considerar, portanto, que “as desigualdades no acesso de bens econômicos e culturais por parte dos diferentes grupos, em que determinantes de classe social, raça, gênero e diversidade cultural atuam de forma marcante”. (CANEN, 2001: p.207).

E a escola por estar inserida nesse contexto sociocultural, tem por muitos anos produzido a exclusão daqueles grupos sociais cujos padrões étnicos culturais não correspondem aos dominantes.

Mesmo sabendo que as causas do fracasso escolar não estão apenas presentes no âmbito educacional, percebemos a necessidade que se tem em minimizar alguns fatores presentes no interior da escola que contribuem para a perpetuação desse problema. Dentre estes fatores podemos destacar:

(...) as expectativas docentes com relação ao desempenho de alunos de padrões culturais distintos dos dominantes são muitas vezes, permeadas de estereótipos que se refletem em práticas docentes que sob o véu da neutralidade técnica legitimam o silenciamento das diferentes “vozes” que chegam às nossas escolas. (CANEN, 2001: p.208).

Diante desta afirmação percebemos que a escola não é o espaço do diálogo e da compreensão, mas na maioria das vezes um espaço no qual um só saber é verdadeiro e predominante. Todos os outros são vistos como feios e inadequados, o que faz com que haja um silenciamento de culturas consideradas de menor importância por determinados grupos.

FREIRE diz-nos, que isso acontece graças a uma ideologia fatalista que nos nega e marginaliza como gente, e faz com que vejamos as coisas como normais, mobilizando nossos sentidos e ações: “(...) Com ares de pós-

modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar ‘quase natural’”. (FREIRE, 1996: p.21).

No entanto a esperança faz parte da natureza humana, e é ela que faz com que professor e aluno, juntos possam aprender, ensinar, inquietar-se, produzirem e juntos resistir a obstáculos, principalmente culturais.

Na aula de Produção de Textos da 5ª série, havia uma aluna que advinha de uma escola multisseriada e, em escolas desse tipo de nossa região é comum um único professor, com precária formação, lecionar todas as séries ao mesmo tempo. Estas escolas estão todas localizadas na zona rural e, em face disto o acesso o material impresso e tecnológico é precário, senão inexistente. Isto faz com que as crianças tenham uma preparação deficitária no que diz respeito ao conhecimento sistematizado.

Segundo a professora essa aluna tinha muitas dificuldades para produzir textos. A professora, porém não desistiu. Acompanhou a aluna em uma produção a qual havia proposto, e foi lhe auxiliando no que era preciso a todo o momento, e juntas foram produzindo o texto. A aluna colocou suas idéias, a professora ajudou-a organizá-las.

É a partir desse saber fundamental de mudar é difícil, mas possível, que deixaremos de preservar situações concretas de injustiças e misérias.

A partir das idéias delineadas chegamos a compreensão da importância de que o professor através de sua experiência formadora se convença de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1996: p.25).

Encontramos professores conscientes da ligação que existe entre a discência e a docência, para a produção e transformação do conhecimento. Ligação esta, que se faz através do diálogo entre professor e alunos e que será o caminho para a construção do conhecimento.

Ao assistir as aulas da 5ª série, constatei também que, a professora ao propor um texto para ser trabalhado, abriu espaço para uma discussão acerca do tema. Discussão essa em que a opinião da professora não era a única a ser dada e nem a única a ser seguida. O espaço foi aberto para que as opiniões e questionamentos dos alunos pudessem ser ouvidos e discutidos e principalmente, serem validados.

A discussão se estendeu, haja vista que, a aula motivou a todos que, por sinal queriam colocar seu ponto de vista. Em síntese a construção do conhecimento se dá para todos, inclusive para o professor, pois juntos buscam novas formas de compreensão do mundo. A isso, FREIRE chama de “pensar certo”.

Este autor diz-nos que:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. (FREIRE, 1996: p.31).

Com essa postura, o professor e aluno quebram a concepção de que o conhecimento é absolutizado, que o professor é o seu único detentor, e que o aluno é uma “folha em branco” a qual o professor irá preencher. Compreendemos partindo das idéias de FREIRE e da aula observada que o professor ao ensinar também aprende e conseqüentemente o aluno ao aprender, também ensina.

Outro ponto que acreditamos ser relevante para nossa discussão neste trabalho, e que está presente na prática educativa e que tem relação direta com o conhecimento, é o elitismo no ensino, que neste caso não se trata apenas da distância cultural entre alunos e professor, mas sim dos conteúdos da cultura escolar: da ortografia, da gramática, entre outras.

Ainda na aula de Produção de Textos da sala de 5ª série, pude constatar que o que a professora ensinava tinha relação com a realidade do aluno. Constatei isso, devido uma explicação feita sobre norma culta e coloquial, na qual a professora destacou do texto frases que estavam na “linguagem informal” para que os alunos estivessem passando-as para a “linguagem formal”. Dessa forma os alunos poderiam estar entendendo o processo pelo qual a língua passa, e que as diversas formas de falar não são erradas, apenas diferentes. Entenderiam que a língua que eles trazem do ambiente em que vivem, pertencem a uma dessas formas, e que essa língua é pré-requisito para estarem aprendendo a língua culta, já que isto é uma exigência.

Felizmente, o ensino tem avançado no sentido de diminuir o elitismo, pois na escola atualmente, há mais espaço para a prática da língua que parte da experiência de vida do aluno, daquilo que ele já conhece. Porque é a partir do respeito que se tem com a realidade do aluno, do seu pré-construído, que se partirá para reflexões mais profundas e racionais.

A isto, PERRENOUD, acrescenta:

(...) poucos professores ainda ignoram que as crianças chegam á escola com capital lingüístico e cultural muito variável, e que um ensino que não leve esse fato em consideração favorece os mais favorecidos. (PERRENOUD, 2001: p.67).

FREIRE também a esse respeito diz-nos que “ensinar exige respeito aos saberes doas educandos”, para isso faz-se necessário que se discuta com os alunos os conteúdos que estão relacionados com a sua realidade concreta, ou seja, “(...) Porque não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais dos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 1996: p.34).

Nesta mesma linha, ou seja, entendendo que o trabalho com o conhecimento na escola no que tange à questão lingüística deve partir da realidade do aluno, temos o trabalho de CANEN. Esta autora afirma-nos que:

(...) ignorar o padrão lingüístico do aluno significa transmitir-lhe a mensagem de que é inferior, reduzindo-lhe a auto-estima e fragilizando seu autoconhecimento identitário e cultural. Além do mais, por não estabelecer pontes com o seu universo (...) torna-se improvável que o ensino do “novo” padrão lingüístico seja absorvido (...). (CANEN, 2001: p.217).

Acordados com as afirmações teóricas acima citadas, concluímos que em uma aula de Língua Portuguesa, o professor ao escolher um tema para uma discussão em sala, com seus alunos, o assunto não deve ser escolhido ao acaso, ao contrário, deve ser um assunto do conhecimento de todos, ou pelo menos, da grande maioria dos alunos. Pois do contrário a atividade proposta de nada adiantaria. Mais que isso é importante que a temática desperte interesse.

A professora da 5ª série, possivelmente de posse desse conhecimento, escolheu como tema para a produção “o amor”. Este assunto possibilitou muita discussão, pois além de ser um assunto de conhecimento dos alunos, é principalmente porque, a idade em que estão – adolescência – é a fase na qual se começa a descoberta do amor, o que faz com que desperte interesse. Com isso, a professora conseguiu estimular a discussão em sala.

A discussão sobre a temática deve estar vinculada a uma compreensão mais ampla e sistemática da sociedade e dos sujeitos nela envolvidos. Isto porque o trabalho do professor que se evidencia na prática traz em seu interior uma teoria que lhe dá sustentação. O professor deve refletir sobre o trabalho que realiza.

FREIRE a esse respeito fala-nos que: “(...) a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática ativismo”. (FREIRE, 1996: p.24).

Com isso entendemos que ensinar exige rigorosidade metódica, pois ensinar não se resume no tratamento do objeto superficialmente feito, mas se estende até a produção das condições em que aprender criticamente é possível.

Antes de propôr a discussão sobre “o amor”, a professora leu para os alunos um texto chamado “Janaína”, que contava a história de um menino que aconselhado pelo irmão mais velho, terminou seu namoro, pois segundo ele existiam várias “garotas por aí”.

A professora pediu a opinião dos alunos. Como se poderia imaginar, as opiniões foram divergentes e muitas vezes exaltadas, mas o importante é que, mesmo favoráveis ou não à idéia, todos puderam e deram a sua.

Para isso conforme FREIRE, faz-se necessário a presença de educadores criadores, instigadores, curiosos, humildes e persistentes. Conscientes da sua importância, não só para ensinar conteúdos, mas principalmente para “pensar certo”.

CAPÍTULO II

RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO – CONHECIMENTO

Por acreditarmos que a relação entre professor e alunos é fator importante no trabalho a ser realizado em sala de aula e que este interfere diretamente na aprendizagem e conseqüentemente na construção do conhecimento, que decidimos observar alguns pontos que a nosso ver são relevantes e tem muito a acrescentar em nosso trabalho.

Em sala, procuramos observar a questão da criticidade, como esta é trabalhada com os alunos. Outro ponto observado foi para constatar se o professor respeita a autonomia do aluno, ou seja, seus saberes, suas curiosidades e como este mesmo professor trabalha para seus que alunos se assumam como seres sociais e históricos; que se inserem na história e não à ela apenas se adaptam. E ainda, dentro dessas questões sobre relação, buscamos ver como os alunos se relacionavam uns com os outros e com o professor, e o que o professor fazia para manter a harmonia nestas relações.

No decorrer deste trabalho estaremos descrevendo partes das aulas de 5ª e 7ª séries de ensino fundamental de uma escola pública do município de Nova Lacerda-MT; que serão muito relevantes.

Como pudemos observar, o grupo-classe é algo totalmente diferente, sendo ao mesmo tempo uma rede muito rica de relações e de comunicação entre as crianças. Um grupo que é capaz, caso haja oportunidade e tempo, de se organizar cooperativamente, pois ele é uma fonte de vida e de experiência. O professor deve, como animador deste grupo-classe estimular a cooperação,

desenvolver a interação, sem deixar de ter consciência das desigualdades existentes entre os membros do grupo, pois quanto mais uma relação se individualiza, mais se conhecem gostos e dificuldades de cada um, o que aviva conflitos e reações de rejeição. Por isso faz-se necessário que o professor se esforce para manter a afetividade, não somente entre professor e aluno, mas de aluno para aluno e assim garantir a harmonia do grupo, proporcionando um trabalho mais rico e positivo.

Na aula de Produção de Textos da 5ª série, no texto que falava sobre “o amor” havia a palavra “transa”, e durante o tempo em que a professora fazia a leitura, pude observar que alguns alunos riam baixinho, alguns até se mostravam envergonhados. Com o término da leitura, antes de iniciar a discussão sobre o texto, a professora perguntou aos alunos se havia alguma palavra que lhes era estranha. Então uma das crianças disse que o colega não sabia o significado da palavra “transa”, e todos riram. A professora que havia feito a pergunta propositadamente à turma, disse-lhes que aquela palavra, ao contrário do que todos pensavam, não significava “sexo” e sim “namoro”, “paquera”. E que não saber ou ter dúvidas a respeito de alguma coisa, não significa vergonha nenhuma, pois é só perguntando que as dúvidas são sanadas. E que eles ao tentarem colocar o colega numa situação embaraçosa, descobriram que também não sabiam que a palavra “transa” tinha outro significado, e com isso todos puderam aprender.

A professora ainda acrescentou, que acima de tudo era preciso respeitar o colega, e sua forma de compreensão do mundo e das coisas, sejam elas quais forem.

É preciso compreender, portanto, que a aprendizagem é um longo caminho, construído passo a passo no contato com diferentes formas de saber, e

para que o professor não seja vencido pelo fatalismo, é preciso ter bem claro em sua mente que:

(...) a aprendizagem é uma questão de tempo (...) e nem tudo se resume à ação de um professor, que a escolaridade é um longo caminho, que nenhum esforço é perdido, mesmo quando não provoca resultados a curto prazo. (PERRENOUD, 2001: p.43).

Constatamos com esse fato ocorrido na sala da série supra citada, que no grupo, parte das intervenções do professor tem a função de fazer o grupo funcionar, e essas intervenções se adaptam mais ou menos, às características do grupo, à história de suas relações e isso é positivo tanto entre alunos, quanto entre alunos e professor. Estas intervenções do professor, que como vimos, são determinadas pela diversidade do grupo, mostram uma preocupação em não deixar que a diversidade trave o bom andamento deste grupo.

Não podemos nos esquecer que no grupo as diferenças e individualidades se afloram. Por mais que o professor se esforce, ele não conseguirá fazer tudo ao mesmo tempo, então ele terá que priorizar os que mais necessitam de sua atenção, fazendo assim uma diferenciação no ensino, para que consiga desenvolver um bom trabalho. E como nos afirma PERRENOUD: “Agir como animador é ter tempo de discutir, de enfrentar desejos e propostas, de esperar que haja condições de trabalho e de cooperação”. (PERRENOUD, 2001: p.76).

No entanto não basta apenas saber trabalhar com as diferenças, é importante uma reflexão crítica que deve ser feita por professores e alunos acerca da prática, e que constitui um momento fundamental na formação permanente desses educadores. É pensando criticamente nas práticas de ontem e de hoje que se poderá melhorar a futura prática.

E nessa reflexão sobre a prática educativa, um dos pontos mais importantes, como já dissemos no capítulo anterior, e que deve ser priorizado enquanto norteador de novas práticas é o respeito que se deve ter com o saber dos educandos. E este saber traz-nos ligado a ele a exigência de se ensinar com criticidade. Segundo nos afirma FREIRE: “(...) não haveria criatividade sem a curiosidade que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”.(FREIRE, 1996: p.35).

Ainda conforme este autor, a principal tarefa da prática educativo-crítica neste caso, é a promoção da ingenuidade, ou seja, a promoção de uma curiosidade ingênua para uma curiosidade crítica. Para isso torna-se indispensável a presença de educadores instigadores, criadores, persistentes, conscientes e principalmente preocupados e comprometidos com o ensino.

É propiciando situações que exijam criticidade dos alunos, que segundo FREIRE, o professor conseguirá com que eles se “assumam”. E assumir-se no sentido pleno, como ser social e histórico, que pensa, comunica, transmite, cria e realiza sonhos.

A aprendizagem da assunção do sujeito acontece quando existem professores que não se julgam donos da verdade e que não desconsideram as outras formas de saberes, especialmente as dos alunos. É preciso insistir na idéia de que se deve ensinar e não transferir conhecimento, para que professores cheios de si mesmos não tratem alunos com desdém, decretando-os como “incompetentes absolutos”, tudo em face de uma falsa superioridade. É dessa maneira que se permitirá a assunção do sujeito.

A esse respeito FREIRE diz-nos:

(...) em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto à indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, e suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não de transferir conhecimento.(FREIRE, 1996: p.52).

Também é importante que o professor em sua tarefa de ensinar, visando a assunção do aluno como sujeito, que ele esteja ciente do inacabamento do ser humano, pois é só assim que ele saberá que o aluno pode ir além daquilo que é e conhece. Porque, segundo FREIRE, o ser sendo inacabado, é sujeito à mudanças.

Ser inacabado, inconcluso implica saber-se condicionado, e, portanto, não determinado. Capaz de perceber que, a construção de sua presença no mundo, não é feita de isolamentos e isenções de influências de forças sociais, que não se compreendem fora da tensão entre o que é herdado geneticamente e o que é herdado social, cultural e historicamente. Neste caso o professor deve fazer com que os alunos percebam que “(...) a sua presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem a ele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história”.(FREIRE, 1996: p.60).

É importante que o professor dê oportunidades para que os alunos estejam desenvolvendo trabalhos que lhes proporcionem dar sua contribuição para modificarem o ambiente em que vivem.

Na aula de Produção de Textos da 7ª série, a professora proporcionou um trabalho, que permitiu aos alunos estarem sendo críticos, e com isso dando sua contribuição ao mundo.

Foi proposto pela professora, que os alunos estivessem produzindo um texto sobre o meio ambiente, haja vista que era o dia em que todas as pessoas estariam comemorando o meio ambiente.

A professora deu início ao seu trabalho lendo um texto, cujo nome era “O lixo”, o qual foi produzido por professores da própria instituição, e que falava dos prejuízos causados por ele, quando jogado em lugares impróprios.

Com base nesta leitura e na experiência de vida dos alunos, experiência estas que afloraram a partir das discussões efetivadas na sala de aula, cada um produziu seu texto. Ao final das produções, algumas foram lidas em voz alta por seus autores, para os colegas de sala, e a professora pediu aos alunos que e eles estivessem, ao levarem seus textos para casa, lendo com sua família, seus amigos, seu vizinho e que com isso fosse feito um trabalho de conscientização.

A princípio a idéia parece tímida, mas olhando mais criticamente, a intenção é a de estar fazendo com que os alunos, se conscientizem e comecem a perceber a sua presença e, principalmente a diferença que podem fazer no mundo, a partir de ações concretas.

Com esse trabalho a professora mostra que tem respeito pela autonomia e identidade do aluno, ao incentiva-lo a produzir um texto, a partir de suas idéias e compreensão de mundo. Mostra que tem respeito pelo aluno assim como teria por ele mesmo e que isso não é por educação ou favor algum, mas sim porque é um imperativo ético. Conforme FREIRE: “Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”.(FREIRE, 1996: p.67)

De nada adiantaria falar de democracia, se ao falar, o professor impusesse sua vontade arrogante de mestre, ou seja, se ao invés disso neste trabalho de conscientização a professora pedisse para ler o texto “O lixo”, e não os que os alunos produziram, por achar que estes não teriam capacidade para produzirem

bons textos. O exercício do bom senso tem uma enorme importância na avaliação que se faz a todo o momento sobre a prática, pois:

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante.(FREIRE, 1996: p.69).

É só com o exercício do bom senso, que se tem a ganhar. Quanto mais se põe em prática a capacidade de indagar, comparar, duvidar, tanto mais curioso se torna, conseqüentemente mais crítico se torna o bom senso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos com a realização deste trabalho, que para que a escola não continue transformando desigualdades sociais em desigualdades de resultados escolares e desigualdades de oportunidades, faz-se necessária a presença de professores que saibam refletir sobre as antigas práticas e continuem buscando e encontrando formas de atuação que vislumbrem possibilidades de valorização da diversidade.

As professoras de 5ª e 7ª séries mostraram em seu cotidiano que é possível agir de maneira a se construir relações não só diferentes, mas também propícias à aprendizagem. E embora as condições de trabalho sejam precárias, há possibilidades a serem exploradas, baseadas no diálogo, no respeito, na confiança, na diferenciação e na valorização do aluno, para tentar minimizar a exclusão daqueles, cujos padrões não correspondem aos dominantes.

Conscientes disto, elas criaram possibilidades para que os alunos, a partir de sua realidade concreta, estivessem discutindo, intervindo, ou seja, possibilitaram aos alunos estarem percebendo que a sua presença no mundo não é feita de isolamentos e isenções, mas de intervenções críticas, que lhes permitam melhorar, construir e conseqüentemente modificar o ambiente em que vivem.

Vimos que quando o professor não age como um arrogante intelectual, ele rompe com antigas práticas que acreditam numa falsa superioridade, e cria atividades que visam valorizar as diversas culturas, o que possibilita ao aluno construir seu conhecimento.

Com isso entendemos que para ensinar e intervir é preciso comprometimento. Para conhecer e intervir faz-se necessário um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento de educadores e educandos. E que a prática educativa não deve ser feita á distancia, de maneira fria e sem sentimento, é preciso oferecer apoio, atenção e compreensão.

É preciso insistir na afirmação de Freire que diz que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para que ele seja produzido, construído. Para isso faz-se necessário ser tolerante, persistente, criador, instigador e principalmente humilde para não fazer da prática educativa um lugar de arrogâncias intelectuais e falsas superioridades, que abafam culturas, matam vontades e criatividade, e impedem que muitos dêem sua contribuição ao mundo para mudar a história.

BIBLIOGRAFIA

CANEN, Ana. **Universos culturais e representações docentes**: Subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. Educação & Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação, n. ° 77. Campinas: CEDES, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças**: Fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.